



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ
CAMPUS TERESINA CENTRAL
CURSO ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA**

FÁBIA CRISTINA DE SOUSA MELO FÉLIX

**A INCLUSÃO DOS ESTUDANTES AUTISTAS NA ESCOLA REGULAR:
DESAFIOS PARA O ENLACE ENTRE TEORIA E PRÁTICA**

**VALENÇA DO PIAUÍ
2023**

FÁBIA CRISTINA DE SOUSA MELO FÉLIX

A INCLUSÃO DOS ESTUDANTES AUTISTAS NA ESCOLA REGULAR: DESAFIOS
PARA O ENLACE ENTRE TEORIA E PRÁTICA

Artigo científico apresentado como exigência parcial para obtenção do diploma do Curso de Especialização em Educação Especial e Inclusiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, Campus Teresina Central.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Evânia Carvalho dos Santos

A INCLUSÃO DOS ESTUDANTES AUTISTAS NA ESCOLA REGULAR: DESAFIOS PARA O ENLACE ENTRE TEORIA E PRÁTICA

Fábia Cristina de Sousa Melo Félix¹
Evânia Carvalho dos Santos²

RESUMO

Em face ao cenário de inclusão presente na escola regular brasileira, o presente estudo objetiva compreender o processo de inclusão dos estudantes autistas na escola regular, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de propósito exploratória e com natureza qualitativa. Para fins de conhecimento, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) classifica o Transtorno do Espectro do Autista (TEA) como um transtorno do Neurodesenvolvimento caracterizado pela tríade: dificuldade na comunicação, dificuldade na interação social e alterações no comportamento. O estudo destaca que A Educação Especial e Inclusiva tem crescido no Brasil, pois de acordo com Todos pela Educação (2022) a matrícula do público-alvo da Educação Especial em classes comuns chegou a 88,1% em 2020, em meio a este dado está o estudante com Transtorno do Espectro Autista (TEA), área de delimitação do presente estudo. O estudo revelou que o enlace entre teoria e prática no processo de inclusão do estudante com TEA acontece por meio das relações interpessoais construídas no ambiente e com caráter inclusivo como versa a literatura, a partir de proposições que constrói caminhos sólidos de inclusão do estudante com TEA na escola regular, sempre prezando pelo desenvolvimento das interações sociais, o comportamento e a linguagem, e, sobretudo com o olhar inclusivo.

Palavras-chave: Inclusão; Autismo; Escola; Regular.

ABSTRACT

In view of the inclusion scenario present in Brazilian mainstream schools, this study aims to understand the process of inclusion of autistic students in mainstream schools. It is a bibliographical, exploratory and qualitative study. For knowledge purposes, the Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-5) classifies Autism Spectrum Disorder (ASD) as a neurodevelopmental disorder characterized by the triad: difficulty in communication, difficulty in social interaction and changes in behavior. The study highlights that Special and Inclusive Education has grown in Brazil, since according to Todos pela Educação (2022) the enrollment of the target audience of Special Education in common classes reached 88.1% in

¹Professora da Rede Municipal de Ensino de Lagoa do Sítio – PI, Formadora Municipal da Educação Infantil do PPAIC. Graduada em Licenciatura Plena em Normal Superior, pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Tecnologias na Educação e Coordenação Pedagógica. Mestre em Psicologia Educacional. E-mail: fabinha_melo@hotmail.com.

²Doutora em Engenharia e Ciências dos Materiais, Departamento de Formação de Professores, Instituto Federal do Piauí - IFPI/PI. E-mail: evania@ifpi.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4992-0038>.

2020, among this data is the student with Autism Spectrum Disorder (ASD), the area of delimitation of the present study. The study revealed that the link between theory and practice in the process of including students with ASD happens through interpersonal relationships built in the environment and with an inclusive character, as the literature states, based on propositions that build solid paths for the inclusion of students with ASD in regular schools, always valuing the development of social interactions, behavior and language, and, above all, with an inclusive view.

Keywords: Inclusion; Autism; Mainstream; School.

Data de aprovação: ____/____/____

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo discorre sobre a pesquisa A inclusão dos estudantes autistas na escola regular: desafio para o enlace entre teoria e prática. Compreender o processo de inclusão no ambiente escolar é de suma para que de fato ele aconteça na escola. Para tanto, dois elementos são indispensáveis nesse caminho: a teoria e a prática, o enlace entre elas garantirá fundamentos e ações que garantam aprendizagens aos alunos público-alvo da Educação Especial e Inclusiva.

As discussões em torno da Educação Especial e Inclusiva estão em evidência no meio acadêmico, na literatura construída ao longo desse processo, na legislação vigente e nos documentos normativos da educação brasileira. É cabível, ressaltar que o processo de inclusão deve acontecer em todos os meios sociais, porém, a inclusão escolar se torna primordial e o acesso se dá pela matrícula dos alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades nas escolas regulares e permanência deve ser garantida por meio de atendimento pedagógico adequado a suas necessidades.

Em meio ao cenário descrito está o estudante com Transtorno do Espectro de Autismo (TEA), que deve ter suas especificidades respeitadas e necessidades atendidas, sua inclusão na escola regular está na garantia da matrícula e permanência com práticas pedagógicas significativas, pautadas em teorias de comprovação científica e que entenda as especificidades de cada um.

Em virtude do processo de inclusão se configurar em universo muito amplo, a pesquisa buscou compreender a inclusão dos estudantes autistas na escola regular a partir de reflexões e apontamentos para a importância do enlace teoria e prática, como garantia de aprendizagem do TEA e traz apontamentos que responde ao problema: como ocorre o processo de inclusão dos estudantes autistas na escola regular?

A pesquisa foi do tipo bibliográfico, com propósito exploratória e natureza qualitativa por meio do processo de investigação a partir da obtenção de referências em bibliotecas eletrônicas e base de dados em websites. Foram selecionados artigos de revistas acadêmica e científicas, periódicos, teses e dissertações, com lapso temporal dos últimos 15 anos e o critério de busca foram por meio de palavras-chave e termos de busca.

Para tanto, o trabalho objetivou a compreensão do processo de inclusão dos estudantes autistas na escola regular, e se constitui da caracterização destes, do conhecimento de como acontece processo de inclusão dos estudantes autistas na

escola regular e pela compreensão dos desafios para o enlace entre teoria e prática na inclusão dos estudantes autistas na escola regular.

Discorrer sobre os desafios do enlace entre teoria e prática neste trabalho apresenta resultados favoráveis à compreensão de como se dá o processo de inclusão do autista nas escolas regulares. A literatura aqui apresentada foi constituída de: Salgado (2022), Orsini (2022), Caetano e Gurgel (2018), Santos (2018), Martins e Monteiro (2017), Capellini, Shibukawa e Rinaldo e (2016), Delanni e Moraes (2012), Lima R.C (2014), Camargo e Bosa (2009), dentre outros.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Aqui, será abordada a revisão de literatura que embasa a proposta da pesquisa, será composta por três seções secundárias: os estudantes autistas presentes na escola regular que está dividida em duas seções terciárias: contexto histórico sobre o autismo: entre pesquisas e concepções, classificação do TEA; a inclusão do estudante autista na escola regular: oferecer caminhos possíveis de serem trilhados; e os desafios para o enlace entre teoria e prática na inclusão dos estudantes autistas na escola regular.

2.1 OS ESTUDANTES AUTISTAS PRESENTES NA ESCOLA REGULAR

O processo de inclusão escolar no Brasil está garantido por meio da legislação em vigência. O art. 205 da Constituição Federal/88 coloca que a educação é um direito de todos, já o Capítulo V Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB) 9.394/96 trata da modalidade da Educação Especial e apresenta em seu art. 59 a matrícula do estudante com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades e superdotação preferencialmente na rede regular de ensino e matrícula no contra turno no Atendimento Educacional Especializado (AEE) para complementação ou suplementação da educação.

Como o enfoque no processo de inclusão escolar ocorrido nos últimos anos, a matrícula do público-alvo da Educação Especial na escola regular cresceu. De acordo com Todos pela Educação (2022) a matrícula do público-alvo da Educação Especial em classes comuns chegou a 88,1% em 2020. Entretanto, este percentual está previsto chegar em 100% até o ano de 2024, já que a meta 4 do Plano Nacional de Educação (PNE) busca universalizar para a população de 04(quatro) a 17(dezessete) anos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades e superdotação o acesso a educação básica e o atendimento educacional especializado preferencialmente na rede regular de ensino com garantia de sistema educacional inclusivo (Todos pela Educação, 2022)

Em meio aos dados e perspectivas apresentados está o estudante com Transtorno do Espectro Autista, público-alvo da Educação Especial e Inclusiva. Sua inclusão na escola regular terá maior visibilidade por meio do diagnóstico, tendo em vista que suas necessidades precisam ser atendidas por meio de um planejamento com adaptações que preze pela sua aprendizagem. Desta forma, o diagnóstico precoce facilitará o processo ensino aprendizagem, pois é através das características encontradas nos critérios de definição do nível a ser apresentado no laudo, que norteará a escola nesse processo de planejamento adaptado. Para tanto, é de suma que família e escola conheçam e também estejam atentos as essas

características, pois os primeiros sintomas do TEA podem ser identificados entre 12 a 24 meses, mas o diagnóstico ocorre entre os 4 e 5 anos e contribui de forma positiva, pois permite o planejamento e o desenvolvimento de ações primordiais aos cuidados a este público (Salgado, 2022).

No Brasil, a 3ª edição da Caderneta da Criança lançada pelo Ministério da Saúde em 2022 pode ser utilizada como instrumento de diagnóstico precoce do Transtorno do Espectro do Autista, pois apresenta o questionário M-CHAT-R a ser aplicado para as famílias quando a criança tiver a idade de 18 meses (Salgado, 2022). A compreensão de que o diagnóstico precoce favorece o desenvolvimento da criança com Transtorno do Espectro Autista impacta positivamente no atendimento a este público, pois mediante as características apresentadas em cada nível é possível ofertar um atendimento especializado voltado para o desenvolvimento de habilidades que favorecem a aprendizagem do estudante com TEA.

Nesse contexto, o atendimento do estudante com TEA na escola regular deve acontecer com dupla matrícula: classe comum e AEE. Entretanto, para a compreensão do processo de inclusão do estudante autista na escola regular se torna de suma conhecer as pesquisas, os conceitos e concepções sobre o Transtorno do Espectro Autista por meio da literatura que aborda o seu contexto histórico.

2.1.1 Contexto histórico sobre o autismo: entre pesquisas, conceitos e concepções.

Para compreender o processo de inclusão dos estudantes autistas na escola regular no contexto atual é imprescindível voltarmos ao contexto histórico construído pelas pesquisas, conceitos e concepções por meio da literatura escrita que aborda assuntos elencados ao tema delimitado nessa pesquisa.

A literatura escrita aponta que o termo autismo foi utilizado inicialmente em 1911 por o psiquiatra russo Eugen Bleuler para designar pessoas que possuíam a perda da realidade e conseqüentemente a dificuldade de comunicação (Orsini, 2022). Para tanto, os primeiros estudos publicados sobre o autismo foram na área da Psicanálise, inicialmente em uma concepção afetiva-relacional, posteriormente surgiu à concepção relacionada ao comportamento e a partir dos anos 70 a concepção cognitiva-cerebral.

Contudo, foi em 1943 que Kanner, psiquiatra austríaco publicou na revista *Nervous Child* um estudo realizado com crianças que tinham dificuldade de se relacionar com pessoas e situações, dificuldade na fala e na interação e uma boa relação com os objetos. Denominado como “Os distúrbios autísticos do contato afetivo”, o estudo de Kanner destacava as potencialidades cognitivas das crianças (Lima, 2014).

Para Kanner, o autismo estava ligado à existência de uma distorção de modelo familiar, pois o caráter de intelectualidade elevado dos pais provocaria alterações no desenvolvimento psico-afetivo da criança, ligado ainda a fatores biológicos que apontavam alterações comportamentais precocemente. (Tamanaha, 2008). Assim, os estudos e pesquisas de Kanner nortearam a comunidade científica, apesar de controvérsias, serviram de referência para os estudos futuros, de tal modo, sendo ainda o ponto de partida para os estudos que envolvem o TEA nas mais diversas áreas científicas.

Paralelo à abordagem de Kanner, em 1944 o psiquiatra austríaco Asperger reportou em seus estudos sobre o distúrbio Psicopatia Autística para definir casos de transtorno severo que comprometia a interação social, problemas na fala e na motricidade em pessoas do sexo masculino, contribuindo assim, para literatura mundial e se tornando posteriormente a Síndrome de Asperger (Orsini, 2022).

Posteriormente o psicanalista americano Bettelheim reportava a patogênese da esquizofrenia infantil, nome dado ao autismo nesse período. Para Bettelheim esta se dava pela ansiedade excessiva que provocava a falta de confiança, chegando a afirmar em estudos posteriores que a causa seria a o desejo de um dos pais que o filho não existisse, tornando assim, motivo de críticas (Lima, 2014).

No entanto, Rimland trouxe grandes percepções para o surgimento da concepção cognitivo-cerebral. Em seus estudos Rimland afirmava que o autismo não estava ligado diretamente as formas de disfunções afetivas e sim na natureza cognitiva, passando de origem afetiva para biológica, revolucionando assim, os estudos da psicanálise sobre o autismo (Lima, 2014).

Outro a apresentar estudos sobre concepção cognitivo-cerebral foi o psiquiatra inglês Rutter ao considerar o autismo uma anormalidade neurológica ou síndrome de dano cerebral, distúrbio do desenvolvimento ou distúrbio da linguagem. A partir dos anos 80, seus estudos serviram de base para novas pesquisas psicológicas e psiquiátricas sobre a origem do autismo (Lima, 2014).

Com os avanços nas pesquisas, recebeu a denominação de TEA, passando a ser considerado um transtorno do desenvolvimento caracterizado por alterações na capacidade cognitiva e nas interações sociais com uma possível seletividade alimentar. Essa desordem apresenta diversidade de manifestações clínicas de alta complexidade, as quais podem estar relacionadas com inúmeras interações entre os genes, fatores epigenéticos e a exposição aos fatores ambientais (Caetano e Gurgel, 2018).

2.1.2 Classificação do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)

Com o avanço nas pesquisas, o autismo passou a ser nomeado de Transtorno do Espectro Autista (TEA). Sua classificação e níveis estão definidos no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) e na Classificação Internacional das Doenças (CID) a partir de pesquisas realizadas na área da medicina e são utilizados mundialmente nas mais diversas áreas para lidar com doenças, deficiências e transtornos.

No Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) o Transtorno do Espectro do Autista recebe a classificação (50) 299.00 (F84. 0) e está associado a alguma condição médica ou genética conhecida ou a fator ambiental associado a outro transtorno do neurodesenvolvimento, mental ou comportamental. Devendo especificar se: com ou sem comprometimento intelectual concomitante, com ou sem comprometimento da linguagem concomitante (DSM-5, 2014). Essa classificação é utilizada para especificar as causas do Transtorno do Espectro do Autista e o comprometimento que este ocasiona nas relações sociais, no cognitivo e na linguagem.

Além disso, o DSN-5 especifica as características do Espectro do Autismo em 3 níveis: nível 1, nível 2 e nível 3.

- No nível 1, o autista apresenta no seu comportamento prejuízos perceptíveis e necessita de apoio, pois apresenta déficit na interação social e

comunicação, comportamento com situações de inflexibilidade, e dificuldade em organizar e planejar rotinas, o que compromete a sua independência no dia-a-dia. (DSM-5, 2014). Além disso, as características são mais leves, porém não devem ser minimizadas pelos profissionais e pela família, pois o déficit na interação social e comunicação, inflexibilidade no comportamento, dificuldade em organizar e planejar compromete ou limita o desenvolvimento do TEA, assim, o apoio na realização e organização de atividades que envolvem suas limitações deve ser oferecido nas mais diversas áreas profissionais. Para tanto, a matrícula e permanência na escola regular com dupla matrícula: classe regular e Atendimento Educacional Especializado (AEE) se torna um grande serviço de apoio para o desenvolvimento cognitivo, social, emocional e afetivo da pessoa com TEA.

- No Nível 2, o autista necessita de apoio substancial, tendo e vista apresentar déficit grave nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal, prejuízos sociais, limitação na interação social e nas respostas, comportamento com situações de inflexibilidade, não é adaptado a mudanças e possui comportamento restritos ou repetitivos. (DSM-5, 2014). Nesse nível, o apoio se torna substancial, devido a pessoa com TEA apresentar grau elevado em relação ao Nível 1. O déficit grave nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal o que necessita de estratégias para desenvolver comunicação alternativa. Assim, o apoio substancial da família, da escola e da equipe multiprofissional facilitará sua convivência no meio social, mas é o olhar inclusivo que abrirá oportunidades para o desenvolvimento de práticas que favoreçam o seu desenvolvimento.
- No nível 3, o autista apresenta déficit grave nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal, grave limitação em iniciar as interações sociais com resposta mínima a aberturas sociais que partem dos outros ao seu redor. Também apresenta comportamento com inflexibilidade, extrema dificuldade em lidar com mudanças, a restrição e repetição no comportamento trazem ainda interferências acentuadas em todos os pontos, além de possuir grande sofrimento em mudar de foco ou as ações. (DSM-5, 2014). O Nível 3 se difere dos demais por apresentar graves limitações que comprometem aspectos cognitivos, emocionais e sociais, o que exige da família, da escola e da equipe multiprofissional apoio muito substancial para facilitar o TEA na convivência social e na realização de atividades, minimizando assim, muitas dificuldades ocasionadas por suas limitações.

Convém ressaltar ainda que as características do TEA estão divididas em critérios para o diagnóstico: os prejuízos persistentes na comunicação social recíproca e na interação social fazem parte do Critério A; os padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades pertencem ao Critério B; e se os sintomas estão presentes desde a infância e trazem limitações ou prejuízos no funcionamento diário, há o enquadramento nos Critérios C e D. (DSM-5, 2014).

A classificação em níveis por meio de critérios para o diagnóstico do TEA contidos no DSM-5 embasa as diversas áreas científicas a desenvolverem suas pesquisas e/ou serviços voltadas para pessoas diagnosticadas com o transtorno, e assim, permitir o seu desenvolvimento cognitivo, a linguagem e a interação social para o seu favorecimento do convívio social por meio do atendimento especializado.

Já no CID 11, o TEA está na classificação 6A02, caracterizado por déficits persistentes na capacidade de iniciar e manter a interação social recíproca e de

comunicação social e por uma série de restritos, repetitivos e padrões inflexíveis de comportamento e interesses. Em uma classificação mais específica podemos encontrar o 6A02.1 transtorno do espectro do autismo com distúrbio de desenvolvimento intelectual e com leve ou sem comprometimento de linguagem funcional; 6A02.0 desordem do espectro autista, sem desordem de desenvolvimento intelectual e com leve ou sem comprometimento de linguagem funcional. (ICD-11, 2018).

Igualmente, no CID 11, podemos encontrar também as classificações 6A02.1 transtorno do espectro do autismo com distúrbio de desenvolvimento intelectual e com leve ou sem comprometimento de linguagem funcional; 6A02.2 desordem do espectro autista, sem desordem de desenvolvimento intelectual e com linguagem funcional prejudicada; 6A02.3 transtorno do espectro do autismo com distúrbio de desenvolvimento intelectual e com linguagem funcional prejudicada 6A02.5 transtorno do espectro do autismo com distúrbio de desenvolvimento intelectual e com ausência de linguagem funcional; 6A02.Y Outro especificado desordem do espectro autista e 6A02.Z transtorno do espectro do autismo, não especificado. (ICD-11, 2018).

O CID 11 apresenta em sua classificação a tríade do autismo: comportamento, linguagem e interação social. É notório ainda que as características variem de acordo com o nível do TEA e são utilizadas pelos profissionais da área da neurologia na definição de um diagnóstico, pois é a partir deste que, as demais áreas profissionais irão desenvolver seus estudos e trabalhos voltados para o Transtorno do Espectro do Autismo.

Na educação, por exemplo, o diagnóstico permite ao professor realizar o trabalho pedagógico na sala regular com adaptações de espaço, metodologia, tempo, espaço, entre outras, de acordo com as especificidades de cada uma. É de suma para garantir a oferta e o acesso ao AEE e para o encaminhamento a equipe Multiprofissional.

Assim, a classificação do TEA traz implicações na construção do processo de inclusão nas escolas regulares, pois estas irão conhecer o perfil de cada estudante autista presente nesse meio, pois as características estão atreladas aos critérios, estes são utilizados para a definição dos níveis no laudo emitido pelo profissional responsável, no caso de crianças o neuropediatra e de adultos o neurologista.

Para realizar um trabalho pedagógico com adaptações que facilite o desenvolvimento de estudantes com TEA, torna-se imprescindível que aos profissionais da educação tenham acesso ao laudo do estudante autista e assim, garantir aprendizagens significativas, por meio de adaptações que aprimore as habilidades de cada um.

2.2 A INCLUSÃO DOS ESTUDANTES AUTISTAS NA ESCOLA REGULAR: OFERECER CAMINHOS POSSÍVEIS DE SEREM TRILHADOS

Com o processo de inclusão contemporâneo os estudantes autistas, público alvo da Educação Especial e Inclusiva estão mais presentes na escola regular, demandando assim, maior conhecimento sobre as relações estabelecidas entre esses alunos e seus pares, equipes pedagógicas e com outras instâncias institucionais, sobretudo refletir sobre as diversas práticas para ensinar estes estudantes (Martins e Monteiro, 2017).

Assim, crianças autistas precisam ser oportunizadas de conviver com outras crianças de sua idade, para que haja estímulos em suas capacidades de interação

como estratégia de combater ao isolamento e aquisição de habilidades sociais por meio das trocas existentes no processo ensino e aprendizagem. Para tanto, esse processo deve ser pensado e construído com base na singularidade de cada criança (Camargo e Bosa, 2009).

É evidente que a interação no ambiente escolar entre o estudante com TEA e as demais crianças cria uma base para o seu desenvolvimento. Desta forma, a inclusão do TEA na escola regular proporciona os contatos sociais e situações de aprendizagens construídas a partir das diferenças. (Camargo e Bosa, 2009). Todavia, é preciso planejar e oferecer um ensino pautado em práticas pedagógicas adequadas a atender as necessidades educacionais dos estudantes com Transtorno do Espectro Autista.

Refletir e executar práticas significativas para a aprendizagem dos estudantes autistas é oferecer caminhos possíveis de serem trilhados. A interação com o meio irá proporcionar o desenvolvimento dos aspectos cognitivos, físicos, emocionais e sociais dos estudantes com Transtorno do Espectro Autista, ao trazer diversas possibilidades de desenvolvimento de habilidades necessárias a sua convivência social.

Em um contexto mais explícito, Martins e Monteiro (2017) explicam que:

A escolha de olhar para crianças autistas no contexto escolar, especificamente em situações que remetem ao aprendizado, justifica-se pelo fato de que é necessário compreender as relações produzidas nesse espaço, que ainda é novo no trabalho com o autista. O termo novo se relaciona à nova concepção de escola para esses alunos, caracterizada por espaços concretos de salas de aula, com uma rotina escolar organizada de forma similar a que é empregada para todas as crianças. (Martins e Monteiro, 2017, p.2018).

As relações construídas no contexto escolar ampliam e produzem novos conhecimentos. Pensar em uma escola regular que constrói relações inclusivas oportuniza o estudante com TEA e experimentar as mesmas vivências que as demais crianças experimentam, onde suas necessidades devem ser atendidas por meio de adaptações que facilitem o seu acesso ao saber.

Assim, a rotina escolar dos estudantes autistas deve ser planejada com objetivos previamente definidos, a fim de construir aprendizagens significativas, que vão além de sua presença no espaço físico da escola regular. É preciso que, todos os envolvidos no processo ensino e aprendizagem tenham um olhar voltado para a aceitação das mudanças e assim, construir relações efetivas de inclusão no ambiente escolar.

A oferta de caminhos possíveis de serem trilhados por estudantes autistas também percorre as trilhas formação profissional do professor, advinda do processo de Formação Continuada. Assim, a formação de professores para a inclusão escolar de alunos com necessidade educacional especializada não deve se restringir a torná-los conscientes das potencialidades dos alunos, mas também de suas próprias condições para desenvolver o processo de ensino inclusivo, requer, sobretudo assumir uma postura profissional diante das situações a serem vivenciadas no processo ensino e aprendizagem (Delani e Moraes, 2012).

A postura profissional construída a partir do enlace entre teoria e prática deve ser elencada por meio do olhar inclusivo, pois esse elemento permite ao profissional ver possibilidades de aprendizagens no estudante com Transtorno do Espectro

Autista e desenvolver um trabalho de desenvolvimento de suas potencialidades, garantindo assim, os princípios constitucionais da igualdade e equidade.

2.3 OS DESAFIOS PARA O ENLACE ENTRE TEORIA E PRÁTICA NA INCLUSÃO DOS ESTUDANTES AUTISTAS NA ESCOLA REGULAR

Estudos teóricos sobre o autismo trazem apontamentos sobre o sua origem, sua classificação e características, sobre sua inclusão na escola regular, com apontamentos para práticas significativas no desenvolvimento de sua aprendizagem, entre outros que abrangem as mais diversas áreas. Na área educacional tem sido desafiante para os profissionais da educação, conseguir o enlace entre teoria e prática, tendo em vista que a inclusão na sala regular é um processo contemporâneo, exigindo destes melhor qualificação por meio da Formação Continuada.

Para vencer este desafio, é de suma que a escola regular considere a tríade do comprometimento do estudante autista – interação social, comportamento e linguagem, pois estas podem acarretar comprometimento na aprendizagem. Para tanto, o processo ensino e aprendizagem oferecerem oportunidades de acordo com as necessidades e potencialidades do estudante autista, a partir de uma perspectiva da educação inclusiva (Capellini, Shibukawa e Rinaldo, 2016).

Com isso, o trabalho docente deve ser desafiado a acontecer por meio de atividades inclusivas que buscam promover interação, melhore o comportamento e venham a contribuir para o desenvolvimento da linguagem do TEA, somado a contribuição de uma equipe multiprofissional que deverá manter uma estreita conexão com escola. Para tanto, conhecer a base teórica favorecerá a construção de um trabalho pautado em evidências científicas.

Nesse sentido, vencer desafios requer que sejam considerados ao longo do processo três pontos significativos: as relações interpessoais do aluno com o outro (professor, alunos e demais profissionais); desafios do professor com relação à inclusão e ao processo de alfabetização e letramento; processo de intervenção e suas contribuições para o desenvolvimento da linguagem escrita (Capellini, Shibukawa e Rinaldo, 2016).

Para que haja o enlace entre teoria e prática, é de suma que as relações interpessoais no ambiente escolar entre o estudante com Transtorno do Espectro do Autista, professor, alunos e demais profissionais tenham caráter inclusivo como versa a literatura. A partir de proposições como esta que se constroem caminhos sólidos de inclusão do estudante com TEA na escola regular, sempre prezando pelo desenvolvimento das interações sociais, o comportamento e a linguagem.

Convém ressaltar que, o processo de alfabetização e letramento na perspectiva inclusiva exige do professor conhecimento para planejar e executar atividades com adaptações que facilitem o entendimento do estudante com TEA, com uso de recursos que atendam suas necessidades educacionais e traga significância ao processo ensino e aprendizagem.

Outro desafio encontrado nos estudos relacionados a estudantes autistas está na metodologia utilizada pelos professores, pois lacunas atrelada a sua Formação deixam lacunas na sua atuação, pois as instituições de ensino não garantem experiências com os alunos especiais. Com isso, é de suma que o professor compreenda que o aluno autista apresenta suas especificidades e, portanto, alguns se desenvolvem de forma lenta, outros apresentam um nível de inteligência mais alta, para tanto, como responsável por todo o processo deve levar a interação do

aluno à sua alfabetização, cabe a este, adaptar suas aulas, seus conteúdos, para que desse modo, todos cheguem à aprendizagem (Santos e Sachinski, 2018).

A Formação Inicial e Continuada favorece ao professor conhecimentos teóricos e metodológicos que irão nortear sua prática pedagógica. O enlace entre a teoria e prática permite a eficácia de um processo ensino aprendizagem, a duas devem andar lado a lado de forma a promover aprendizagens significativas a todos os estudantes que adentram a escola.

Para isso, as adaptações curriculares norteadas pela teoria envolvendo metodologia, recursos, avaliação, de espaço, entre outros precisam ser planejadas, pois estes elementos didáticos concedem ao professor práticas significativas que atendam as diferenças presentes no ambiente escolar, para então efetivar o processo ensino e aprendizagem significativo e inclusivo. Assim, o enlace entre teoria e prática para a inclusão do estudante autista na escola regular, requer do professor olhar inclusivo; conhecimento sobre suas características, limitações e habilidades; aplicação de práticas que atendam as especificidades de cada um e provoquem situações de aprendizagem.

Entretanto, os desafios apontados na literatura escrita: considerar a tríade do comprometimento do estudante autista – interação social, comportamento e linguagem; as relações interpessoais do aluno com o outro; desafios do professor com relação à inclusão e ao processo de alfabetização e letramento; processo de intervenção e suas contribuições para o desenvolvimento da linguagem escrita; lacunas na formação e metodologia utilizada pelos professores devem ser rompidos no contexto escolar. Caberá ainda a todos os profissionais envolvidos neste processo buscar conhecer e desenvolver atividades, situações de aprendizagem e experiências voltadas para a promoção da inclusão, tendo como princípio fundamental o olhar inclusivo.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia científica é a trilha para que uma pesquisa apresente resultados confiáveis na resolução do problema, para tanto, esta seção aborda o procedimento metodológico utilizado no presente estudo. Assim, para desenvolver a pesquisa o procedimento metodológico foi subdividido em duas seções secundárias: Modalidade da Pesquisa e Processo de Investigação, elas definem a trilha percorrida pelo pesquisador

3.1 Modalidade de Pesquisa

A pesquisa A inclusão dos estudantes autistas na escola regular: desafios para o enlace entre teoria e prática é bibliográfica, pois utilizou o estado da arte e a revisão da literatura para compreender o tema delimitado. Para tanto, a pesquisa bibliográfica segue passos primordiais com a procura por obras e publicações, levantamento dos assuntos abordados em sumário ou índices e por último a verificação da bibliografia e sua relação com o tema (Lakatos e Marconi, 2003)

Em se tratando do propósito da pesquisa esta é exploratória, pois se trata de uma revisão de literatura a partir do levantamento bibliográfico para esclarecer conceitos e ideias relacionados ao problema e hipóteses levantadas (Gil, 2008)

Assim, ao apresentar reflexões acerca da inclusão do autista na escola regular, a pesquisa apresentou um fenômeno social relevante para o meio

acadêmico como também traz um enfoque na análise do problema da pesquisa, o que a caracterizou como de natureza qualitativa (Richardson, 2012).

3.2 Processo de Investigação

O Processo de Investigação da pesquisa foi realizado por meio da obtenção de referências em bibliotecas eletrônicas e base de dados, por meio da busca bibliográfica nos seguintes websites:

Quadro 1 - Lista de websites de busca de referências

Lista de websites de busca de referências	
Scielo – Scientific Electronic Library	www.scielo.br
Portal de Periódicos da CAPES. Onde publicar? WebQualis/CAPES	www.periodicos.capes.gov.br
Google Acadêmico	https://scholar.google.com.br

Fonte: Disciplina Trabalho de Conclusão do Curso I, 2023.

Todavia, o processo de busca bibliográfica nos websites para a base de dados se afunilou por meio da seleção de artigos de revistas acadêmica e científicas, periódicos, teses e dissertações, ao utilizar como critérios de inclusão publicações com lapso temporal dos últimos 15 anos, tendo em vista apresentarem contribuições significativas para compreensão e classificação do autismo. Para tanto, os critérios de busca das publicações utilizou palavras-chave como inclusão e autismo; e os termos de busca “histórico do autismo”, “inclusão na escola regular”, “CID 11” e “práticas com estudante autista”.

Após a definição dos critérios de inclusão e critérios de busca das publicações, o pesquisador realizou uma leitura seletiva e crítica-reflexiva, considerando os pontos relevantes como: se a referência está relacionada ao tema, quais aspectos abordam, se ajudava a resolver a pesquisa de maneira rápida ou profunda e quais as relações que elas fazem com a área educacional, onde ocorria a delimitação do problema.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos com a revisão de literatura levantada nos websites a partir da seleção de artigos de revistas acadêmica e científicas, periódicos, teses e dissertações apontam o contexto histórico do autismo a partir de pesquisas, conceitos, concepções e a caracterização do TEA na visão de autores, do DSM-5, do CID 10 e do CID11. A partir da abordagem inicial foi possível dialogar com autores sobre os caminhos possíveis de serem trilhados no processo de inclusão dos estudantes autistas na escola regular, além de identificar os desafios para o enlace entre a teoria e prática norteadoras deste processo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo revelou que as pesquisas realizadas no campo da psicanálise sobre o Transtorno do Espectro Autista, sejam elas na concepção afetiva-relacional, quanto na concepção cognitiva-cerebral trouxeram contribuições significativas para todas as áreas. Assim, o conhecimento acerca do contexto

histórico do autismo favoreceu para o objetivo da pesquisa que é Compreender o processo de inclusão dos estudantes autistas na escola regular.

A imersão no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) e na Classificação Internacional das Doenças (CID) possibilita, conhecer as características do TEA. Diante da proposta de inclusão de estudantes autistas na escola regular, a caracterização deste público por meio de critérios e níveis apresentados no diagnóstico além de possibilitar o processo de adaptações curriculares para atendimento de suas necessidades educacionais, permite a dupla matrícula: classe comum e Atendimento Educacional Especializado.

Assim, ao abordarmos nesse estudo como acontece às interações no ambiente escolar, as reflexões sobre a execução de práticas significativas para a aprendizagem dos estudantes autistas e a formação docente voltada para explorar as potencialidades dos alunos, como também a postura profissional diante das situações, permite conhecer melhor como ocorre o processo de inclusão dos estudantes autistas na escola regular.

Em suma, para que haja o enlace entre teoria e prática, é fundamental o fortalecimento das relações interpessoais com caráter inclusivo como versa a literatura, no ambiente escolar entre o estudante com Transtorno do Espectro do Autista, professores, alunos e demais profissionais. É a partir de proposições como esta que se constroem caminhos sólidos de inclusão do estudante com TEA na escola regular, assim como a universalização desta oferta, sempre prezando pelo desenvolvimento das interações sociais, o comportamento e a linguagem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 dez. 1996.

CAETANO, Maria Vanuza, e GURGEL, Daniel Cordeiro. **Perfil nutricional de crianças portadoras do transtorno do Espectro autista**.

CAMARGO, Sígila Pimentel Hoher, e BOSA, Cleonice Alves. **Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura**. Psicologia & Sociedade; 21(1): 65-74, 2009.

CAPELLINI, Vera Lucia Messias Fialho. **Práticas pedagógicas colaborativas na alfabetização do aluno com transtorno do espectro autista**. Priscila Hikaru Shibukawa Shibukawa, Simone Catarina de Oliveira Rinaldo, Vera Lucia Messias Fialho Capellini. Colloquium Humanarum, Presidente Prudente, v. 13, n. 2, p.87-94 abr/jun 2016. DOI: 10.5747/ch.2016.v13.n2.h256.

DELANNI, Marcos Paulo, e MORAES, Deisy Nara Machado. **Inclusão: caminhos, encontros e descobertas**. Revista de Educação Ideau. Vol. 07 –Nº 15 – Janeiro – Junho 2012. ISSN: 1809-6220

DSM-5. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais [recurso eletrônico]** : DSM-5 / [American Psychiatric Association ; tradução: Maria Inês

Corrêa Nascimento ... et al.] ; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli ... [et al.]. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : Artmed, 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** / Antonio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

ICD-11, 2018. **Classificação Internacional de Doenças - Mortalidade e Morbidade Estatísticas**. ICD-11 MMS – 2018.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica 1** Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

LIMA, R. C. **Dossiê Saúde Mental**. Ci. Huma. e Soc. em Rev. RJ, EDUR, vol. 36, 1, jul/ dez, 2014.

MARTINS, Alessandra Dilair Formagio, e MONTEIRO, Maria Inês Barcellar. **Alunos autistas: análise das possibilidades de interação social no contexto pedagógico**. Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 21, Número 2, Maio/Agosto de 2017: 215-224.

ORSINI, Marco. Lições sobre o autista de Kanner: lamparina que exigem compreensão! Um ensaio sobre a cegueira generalizada. **Revista de Ciências Biológicas e da Saúde**. Agosto, 2022.

RICHARDSON, Roberto Jarry, **Pesquisa social: métodos e técnicas** / Roberto Jarry Richardson; colaboradores José Augusto de Souza Peres ... (et al.). - 3. ed. - 14. reimpr. - São Paulo Atlas, 2012.

SALGADO, Nathalia Di Mase. **Transtorno do Espectro do Autista em crianças: uma revisão sistemática sobre o aumento e a incidência do diagnóstico**. Nathalia Di Mase Salgado, Jéssica Corrêa Pantora, Rafael Placeres Ferraz Viana e Rodrigo Guilherme Varotti Pereira. Research, Society and Development, v. 11, n. 13, e 512111335748, 2022.

SANTOS, Gabrieli Caroline Diniz dos, e SACHINSKI, Ivanildo. **Os desafios da escola na inserção dos alunos autistas**. 6º Simpósio de Pesquisa e 12º Seminário de Iniciação Científica. FAE, 2018.

TAMANAHÁ, Ana Cristina. **Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome de asperge**. Ana Cristina Tamanaha, Jacy Perissinoto, Brasília Maria Chiari. Revista Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia. 2008; 13(3): 296-9.

TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2022. **Educação Inclusiva: Recomendações de Políticas de Educação Inclusiva para Governos Estaduais e Federal**. Agosto, 2022.